

Um Brasil dividido

» LÚCIO RENNÓ
Professor de ciência política da
Universidade de Brasília (UnB)

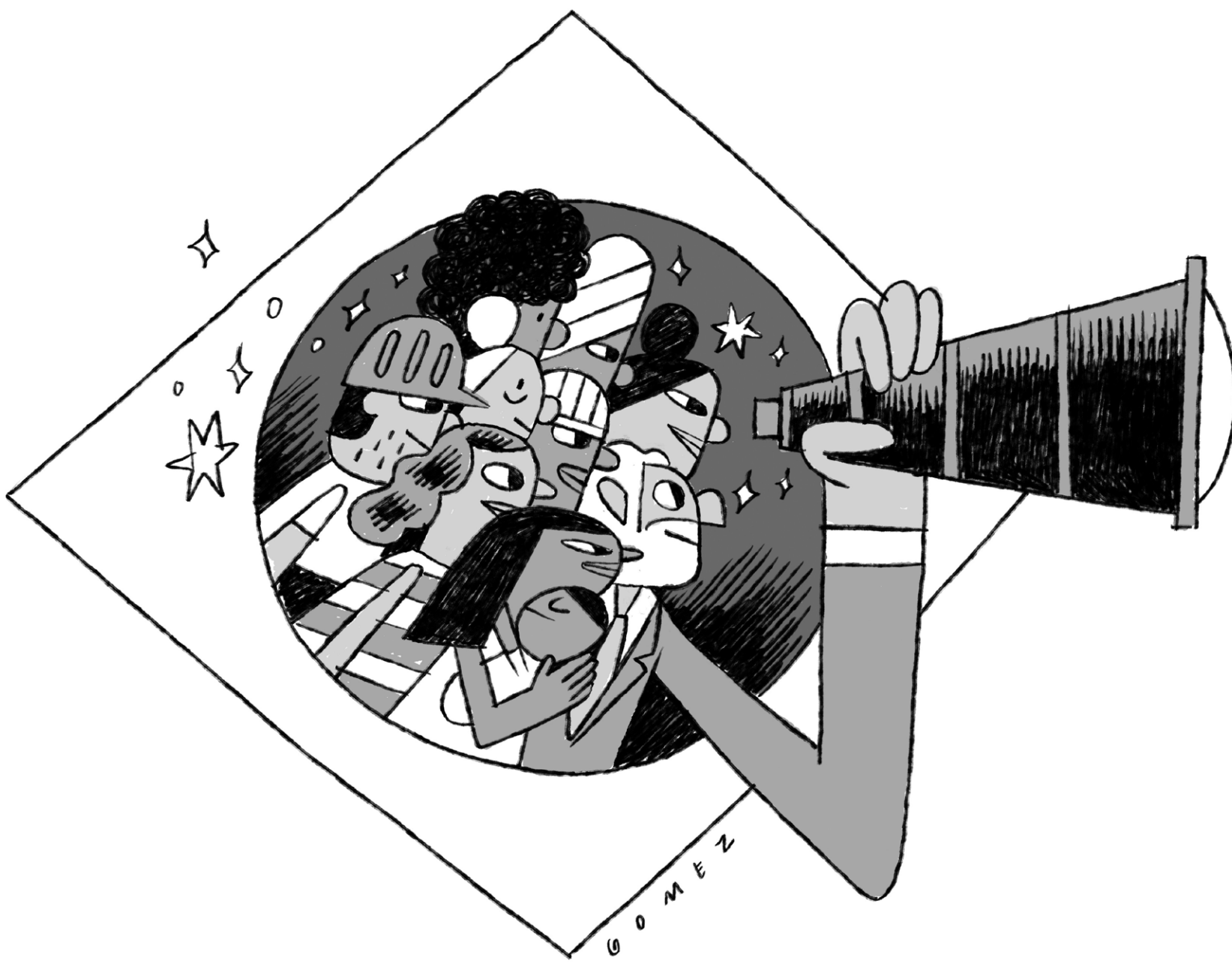
Voto a voto, lados distintos do espectro político brasileiro viveram a emoção da contagem eleitoral de um sistema ágil, confiável e eficiente. O país está dividido, não há dúvida. Bolsonaro conseguiu mobilizar um contingente de apoio eleitoral extremamente significativo, mesmo depois de anos de pandemia e uma situação econômica adversa, que só apresentou sinais de recuperação em 2022. As medidas de controle da inflação, a recuperação do emprego e uma política de transferência de renda tardia mudaram o cenário de uma eleição que parecia perdida para o governo. Por outro lado, a força do Lulismo e do petismo, à esquerda, mostrou-se ser o único antagonista capaz de vencer o bolsonarismo. Todas as demais forças evaporaram.

No primeiro turno, Bolsonaro, apesar de perder, sagrou-se um vencedor moral. Desacreditou as expectativas e os dados de intenção de voto. Na verdade, o conservadorismo no Brasil mostrou-se muito mais forte do que se imaginava, elegendo diversos casos emblemáticos pelo país. O Congresso será ainda dominado por um centro amorfo ideologicamente, que aceita negociar a governabilidade, mas a força do campo conservador não poderá jamais ser sobrestimada.

Por outro lado, nos estados, vemos divisões muito claras. O Nordeste segue petista. Lula ganha em todos os estados do Nordeste, com folga. No Sul e no Centro-Oeste, Bolsonaro tem vantagem expressiva. No Norte, nos estados mais populosos, Lula ganha. Nos menos, Bolsonaro é vitorioso. No Sudeste, a disputa é intensa em Minas Gerais, um estado decisivo para o resultado final da eleição. Lula sagrou-se vitorioso lá, mas com resultado ainda mais apertado que o nacional. São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo votam Bolsonaro. Bolsonaro ganha em 14 estados; Lula, em 13.

No voto total, o resultado mostra uma diferença de aproximadamente dois milhões de votos. Uma margem de vitória de Lula de pouco mais de 1,5%. Nenhuma eleição na nossa história brasileira foi tão disputada. Certamente não na nossa história recente. O Brasil está extremamente polarizado, com implicações para nosso futuro próximo. É uma polarização motivada por um forte alinhamento ideológico de direita, baseado em temas, com posturas críticas à legalização do aborto e à descriminalização das drogas e a favor da redução da maioria penal. São questões de política pública que o país tratará em um ambiente de intensas diferenças de opinião.

Infelizmente, nenhuma de nossas eleições foi regida por tanta desconfiança, ameaças, violência e de risco à democracia, quanto esta. Na véspera da eleição, perguntaram ao presidente candidato se ele acataria o resultado das urnas. Apesar da resposta de que sim, o fato de que isso tem que ser perguntado aponta para problemas. Quem não quer ver o risco que o atual acirramento das disputadas implica para o processo democrático no Brasil é cego ou mal-intencionado. A deslegitimação do sistema eleitoral, a violência difundida pelo Brasil, os temores da atuação da Polícia Rodoviária Federal no dia do pleito, o receio pelo que há de vir antes da posse, são sinais de alerta. Cabe destacar que o próprio evento de posse do Presidente do Tribunal Superior Eleitoral, prestigiado por todas as forças democráticas do país, as falas continuadas dos defensores da democracia durante a campanha deixam claro que é preciso lutar pela democracia. Aguardemos os desdobramentos da derrota de um Presidente no poder por mais dois meses, um que sempre questionou o sistema eleitoral e o judiciário. Certamente a democracia brasileira sobreviverá, mesmo em seu teste mais difícil.



Pária, nunca mais

» ANDRÉ GUSTAVO STUMPF
Jornalista (andregustavo10@terra.com.br)

Às 18h45m de ontem, com cerca de 68% das urnas apuradas, o ex-presidente Lula passou à frente de seu adversário na contagem de votos e passou a abrir uma discreta e apertadíssima vantagem. Foi nesse exato momento que o Brasil começou a mudar. A questão em aberto, após a apuração emocionante da eleição de 2022, é o que vai acontecer na política nacional a partir de hoje. Os derrotados vão lamber suas feridas, chorar a oportunidade perdida e estudar melhor onde ocorreram problemas inesperados ao longo da campanha eleitoral.

A melhor expectativa é que os derrotados chorem, gritem, mas aceitem o resultado. O exemplo que vem de Washington não é edificante. Lá o derrotado moveu céus e terras para evitar o pronunciamento oficial pelo Congresso declarando a vitória de Joe Biden. Trump tentou até o último momento virar o jogo, mesmo depois de todos os recursos judiciais terem se esgotado. A diferença da votação entre Lula e Bolsonaro foi mínima. Este resultado aponta para uma série de mudanças dentro da sociedade. Os dois grupos têm muito a aprender com o resultado. Aos militares, que foram tão incensados nos últimos tempos, resta observar e bater continência ao novo presidente.

Afirmar que a sociedade está dividida é declarar o óbvio. O Brasil da região centro-sul, se for analisado separadamente, constitui uma economia assemelhada a de um país europeu, com renda elevada, e indústria forte. Melhor do que a Itália que não

consegue manter um governo estável por dois anos seguidos e ostenta uma dívida interna no valor de 150% do seu produto interno bruto. O centro-oeste é um fenômeno novo no Brasil. É o território do agronegócio, da vastíssima produção de grãos, que abastece os principais mercados do mundo. O principal cliente da produção agrícola nacional é a China, o principal parceiro comercial do Brasil.

A corrente de negócios com a China é bem maior do que a que o Brasil mantém com os Estados Unidos. E gera superavit para o lado brasileiro há muito tempo. O fato é que lá existem regiões diferenciadas dentro do país. Mas a grande mudança foi a ascensão do agronegócio, que domina todo o Centro-Oeste e se expande pelo Brasil. As plantações de soja estão perto de alcançar o Oceano Atlântico, após atravessar o estado do Piauí, dominar o oeste da Bahia, o norte do Tocantins e boa parte de Mato Grosso. Essa novíssima centro-direita brasileira é conectada com os principais mercados do planeta. É um fenômeno globalizado. Mas não aposta em governos ditatoriais.

O presidente Jair Bolsonaro não percebeu os novos ventos. Ele representa o que há de mais retrógrado na política nacional. Ameaçar a jovem democracia brasileira não rende votos. Propõe a mágoa e rouba votos. Realizar uma administração de quatro anos sem dar nenhum tipo de atenção aos mais pobres, para satisfazer economistas formados na escola de Chicago e experimentados na ditadura de Pinochet não deu certo.

Os tempos mudaram. Na realidade, além de formidável esforço de Lula, Bolsonaro derrotou Bolsonaro. A democracia venceu.

Na véspera do segundo turno, o candidato Bolsonaro distribuiu longa nota com 22 pontos positivos de sua campanha. A maioria deles desmentia o que ele fez nos últimos quatro anos. Já não havia mais tempo para construir o perfil moderado de um chefe de governo que não mostrou respeito pelo povo durante a pandemia. E utilizou de todos os recursos do governo federal para vencer a eleição. Quase conseguiu. Perdeu. Ele não deixa sucessores. Seus colegas no Congresso ou nos governos estaduais pertencem a outra geração. Um novo país vai aparecer.

Lula chega aos 77 anos como um fenômeno da política nacional. Ele foi eleito e reeleito. Indicou sua sucessora Dilma Rousseff, que governou por um período e sofreu o impeachment no período subsequente. Foi nesse desastre que se abriu a chance para a ascensão de uma direita feroz que, a partir de agora, inicia sua viagem para se perder nos confins do universo. Lula chega pela terceira vez à Presidência da República com muita força. Os cabelos ficaram brancos, mas a experiência poderá, junto com seus novos aliados, retomar o desenvolvimento econômico, reduzir a pobreza, reindustrializar o país e encontrar meios e modos de pacificar o país. O pessoal da milícia, da rachadinha, dos palavrões voltou para sua desimportância. Importante agora é reconstruir as relações internacionais. Pária, nunca mais.

Carta ao vencedor

» JOSÉ HORTA MANZANO
Empresário e blogueiro

O último páreo ocorreu ontem. Depois de quatro intermináveis semanas. Com a respiração suspensa, o Brasil palpitou à espera do resultado. Não foram muitos pontos de porcentagem a separar o vencedor do derrotado. Oito anos atrás, escrevi, neste mesmo espaço, carta aberta à presidente Dilma Rousseff, que acabava de ser reeleita. Desta vez, escrevo minha cartinha ao novo presidente.

Senhor Presidente,

Antes de mais nada, deixo aqui minhas felicitações pela vitória. A meu juízo, foi o pleito mais emocionante desde a eleição de Tancredo Neves — que foi indireta, mas carregada de suspense e simbolismo.

Meus parabéns vão a voscê, mas também ao perdedor. O fato de terem chegado à final embalados por dezenas de milhões de votos há de ser lisonjeiro para ambos. Quando se pensa que, quatro anos atrás, um dos finalistas de hoje era um apagado parlamentar do baixo clero, enquanto o outro estava fora do jogo político por motivo de prisão, a caminhada de ambos foi excepcional.

Voscê, senhor presidente, vai encontrar um país partido em dois. É lugar comum dizer que é hora de unir, não de separar — só que, desta vez, o

sulco é profundo. É urgente agir antes que o fosso vire um cânion intransponível. Já faz 20 anos que o sulco começou a ser cavado; os últimos quatro anos só fizeram alargá-lo. Esses rachas podem comprometer até nossa integridade territorial. Não se brinca com essas coisas.

Não é hora de procurar culpados, é hora de agir. A continuar como está, a combinação de divergências religiosas com desnível socioeconômico periga armar uma bomba-relógio desregulada que vai explodir a qualquer momento.

Não tenho certeza de que isso seja boa notícia para o governo, seja quem for o presidente. Convulsão social nem sempre segue o itinerário que se gostaria. Em geral, costuma se voltar contra o poder.

Num país de desigualdades socioeconômicas abissais como o Brasil, programas de redistribuição de renda não são meros truques eleitoreiros — são necessidade absoluta para a sobrevivência de dezenas de milhões de conterrâneos.

Senhor presidente, é indispensável dar prosseguimento a eles. O que pode (e deve) ser acrescentado é uma porta de saída, um objetivo, um incentivo, uma meta. Todo beneficiário tem de sentir que, em troca do auxílio, deve algo ao poder público.

Pouco importa o valor da contrapartida, o que

interessa é incutir a ideia de troca: “Recebo, mas tenho que dar”. O Brasil é grande, mas está longe de ser uma ilha autossuficiente pairando acima das querelas do mundo. Estamos inseridos na economia global, seja qual for o credo de nosso governante.

Atitudes sectárias e clivantes do tipo “ênfase nas relações Sul-Sul” ou “reforço de laços com governantes de direita” são contraproducentes. Nosso país tem de se abrir ao mundo. Seu destino é muito mais amplo do que o encruamento em que se encontra.

Como repetia o general De Gaulle, nações não têm amigos, têm interesses. O presidente do Brasil, dado o imenso poder que lhe confere a Constituição, tem de se comprometer desse fato. Não o fazendo, nossas trocas comerciais vão se ressentir e nossa imagem no cenário internacional vai continuar desbotando.

Daqui a meio século, senhor presidente, não estaremos mais aqui, nem voscê, nem eu. Cidadão desimportante, me contentarei com uma lápide de pedra barata. Já voscê estará nos livros de história. Sua memória poderá ser exaltada ou pisoteada, dependendo de seus atos e palavras nos próximos quatro anos. Quando, no futuro, se referirem a voscê, será melhor que digam “aquele que fez o Brasil decolar” ou “aquele que fez o país empacar de vez”?

Receba meus votos de sucesso.